

Algumas considerações sobre identidade e a profissionalidade docente

MAYRA SILVA DOS SANTOS*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir algumas implicações que permeiam a construção da identidade e da profissionalidade dos professores. Apresentaremos como vem ocorrendo a fragmentação do trabalho docente frente às mudanças sociais e, também, como, atualmente, esses profissionais estão vivendo uma crise de identidade, de autonomia e de reconhecimento em todos os níveis de atividade educativa. Para isso, utilizaremos autores como Pimenta (2009), Brzezinski (2002) e Pereira e Martins (2002) que discutem aspectos relacionados à identidade, profissionalidade e formação de professores; e, sobretudo, os estudos de Esteve (1999) que apresenta as relações existentes entre as mudanças sociais e a função docente, explicando como as transformações ocorridas no contexto atual da nossa sociedade acabam deturpando a identidade e profissionalidade do professor frente ao ofício docente.

Palavras-chave: identidade; profissionalidade; mudanças sociais.

Some considerations about teaching identity and professionalism

Abstract: This paper aims to discuss some implications that permeate the construction of teachers' identity and professionalism. We will present how the fragmentation of teaching work has been occurring in the face of social changes and also how these professionals are currently experiencing a crisis of identity, autonomy and recognition at all levels of educational activity. For this, we will use authors such as Pimenta (2009), Brzezinski (2002) and Pereira and Martins (2002) who discuss aspects related to identity, professionalism and teacher training; and, above all, the studies by Esteve (1999), which presents the existing relationships between social changes and the teaching function, explaining how the transformations that occurred in the current context of our society end up misrepresenting the identity and professionalism of the teacher in the teaching profession.

Key words: identity; professionalism; social changes.



* MAYRA SILVA DOS SANTOS é Mestra no Programa de Pós-Graduação Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED).

Introdução

Segundo alguns autores, dentre eles, Pereira e Martins (2002), a identidade docente é construída por meio de saberes específicos e pedagógicos, vivências e experiências adquiridas dentro e fora do contexto escolar. Ademais, ela se constitui em um processo dinâmico que envolve o contexto cultural em um dado momento histórico, articulado a um processo de valorização identitária e de reconhecimento dos professores em todos os níveis de atividade educativa.

Todavia, como tentaremos demonstrar, atualmente, a constituição da identidade profissional docente está permeada por inúmeros conflitos e dificuldades. Tal fato está relacionado, em grande medida, às discussões sobre a autonomia e o reconhecimento do trabalho realizado pelo professor.

Este trabalho tem como objetivo discutir os desafios e as perspectivas que permeiam o processo de construção da identidade e, também, da profissionalidade dos professores. Para tal, nossa intenção é abordar a fragmentação do trabalho docente frente às mudanças sociais que tem atingido o contexto profissional do professorado e como essa situação tem influenciado a construção da identidade e profissionalidade do docente.

Para o desenvolvimento deste trabalho foram trazidas as discussões de autores como Pimenta (2009), Brzezinski (2002) e Pereira e Martins (2002), que abordam aspectos relacionados à identidade, profissionalidade e formação de professores; e, sobretudo, os estudos de Esteve (1999) que discorrem sobre as relações existentes entre mudanças sociais e função docente, explicando como as transformações ocorridas no contexto atual da nossa sociedade acabam deturpando a identidade e

profissionalidade do professor frente ao seu ofício.

Segundo Brzezinski (2002), as transformações sociais que atingem a sociedade globalizada atualmente têm obrigado a reconsiderar a função da escola e da educação. As mudanças de valores éticos e morais, as transformações do mercado de trabalho, entre outros fatores, exigem repensar o modelo educacional que é trabalhado atualmente no contexto escolar. Segundo a autora, essas transformações influem diretamente na construção da identidade e profissionalidade dos professores, pois as exigências contemporâneas que permeiam seu ofício, acabam na maioria das vezes, exigindo um reposicionamento sobre a prática educativa desses profissionais, que vai além de seu ofício como docente.

Identidade e profissionalidade docente

O ser professor se constitui em um processo dinâmico e dialético envolvendo aspectos relacionados a saberes específicos, experiências e vivências que são configurados a partir de sucessivas socializações nos mais diferentes espaços. Esses saberes que configuram o ser e o fazer docente, formam a identidade profissional do professor e são estruturados historicamente em um processo de construção social.

A identidade do profissional docente é construída no cotidiano, a partir dos pressupostos de exercer sua atividade sobre o alicerce da trilogia dos saberes pedagógicos e das experiências adquiridas dentro e fora da sala de aula, nos desafios e enfrentados e superados no exercício da função ao longo do processo histórico (PEREIRA e MARTINS, 2002, p.131).

Segundo Brzezinski (2002, p. 8) toda e qualquer identidade é construída. Assim,

conforme a autora, esse “processo de construção de significado e experiência dá-se com base em atributos culturais que se inter-relacionam e que são inerentes a uma determinada sociedade circunscrita ao espaço e tempo históricos”. Essa identidade, viabilizada de forma pessoal e coletiva, se constrói nas histórias e experiências pessoais do sujeito e no interior de grupos que formam a sociedade e, “conferem um papel e um status social” aos indivíduos nos mais diferentes espaços.

Pimenta (2009, p. 91), por sua vez, cita que, toda identidade é um conjunto de representações que são construídas “de forma diferente segundo os diversos tipos de sociedade, segundo o lugar social que o indivíduo ocupa na sociedade e os conjuntos de valores, de ideias e normas, que pautam o código de leitura, por meio do qual ele interpreta a sua visão de mundo”. Nesse sentido, conforme a autora, a identidade profissional

Se constrói, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se também, pelo significado que cada professor confere, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, do seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida e o ser

professor. Assim como a partir de sua rede de relações com outros professores, nas escolas, sindicatos e em outros agrupamentos (PIMENTA, 2009, p. 19).

Com isso, a identidade profissional é constituída nas relações, nas vivências e nos contextos histórico-culturais de cada profissão e mediada pelas relações humanas e sociais construídas ao longo do tempo.

Com base nisso, podemos dizer que a identidade do professor também é resultado de relações. Em outros termos, cada professor se faz individual e coletivamente, em um processo dinâmico dentro e fora do contexto escolar, segundo os aspectos sociais, políticos, econômicos, históricos e organizacionais da profissão. Afirmamos dessa forma, que, a identidade do professor “emerge em um dado contexto e momento históricos, como resposta a necessidades que estão postas pelas sociedades, adquirindo estatuto de legalidade” (PIMENTA, 2009, p. 18).

A profissionalidade docente, por sua vez, pode ser considerada como o conjunto maior ou menor de saberes e de capacidades de que dispõe o professor, no desempenho de suas atividades num dado momento histórico. Ademais, Sacristán (2002, p. 65) entende a profissionalidade docente, como um “conjunto de comportamentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor”. Pereira e Martins (2002, p. 122), por seu turno entende que as concepções em torno do fazer profissional do professor são relacionadas diretamente com as condições impostas no contexto social. Nesse sentido,

Tem, historicamente, maneiras diferentes de atuação e a imagem do profissional docente sofre modificações, submetendo-se a

avaliações dos indivíduos da sociedade que ora o enaltecem, concedendo-lhe status e prestígio, ora o desvalorizam, como vem ocorrendo na atualidade (PEREIRA e MARTINS, 2002, p. 122).

Assim podemos dizer que o desenvolvimento profissional do docente está historicamente articulado à um processo de valorização ou desvalorização identitária e profissional dos professores, a depender do contexto histórico.

É nesse mesmo sentido que destaca Brzezinski (2002, p. 10). Conforme a autora, nos últimos tempos, por conta do processo conflituoso e desigual das sociedades capitalistas, a profissão professor passou pela “perda de controle sobre seus meios de produção, do objeto de seu trabalho e da organização de sua atividade”. Todavia, de acordo com a autora, a tomada de consciência por parte da categoria,

Impulsionou a articulação de suas lutas com os demais trabalhadores, embora os profissionais da educação tenham clareza de que o trabalho pedagógico mantém especificidades bastante distintas das outras modalidades de trabalho. Do interior de sua categoria, os profissionais da educação partiram para a construção de seu profissionalismo, buscando sua identidade com as seguintes características: ser professor dotado de conhecimentos e competências específicas que o diferenciam de outros profissionais, isto é, ter a docência como base de sua formação. A aquisição de conhecimentos e a de competências ocorrem, inicialmente nessa formação (BRZEZINSKI, 2002, p. 12).

Neste sentido é que podemos explicitar a formação para o exercício da docência como uma das premissas do profissionalismo dos professores.

Brzezinski (2002, p. 15) explica que, “a defesa da política global de formação e profissionalização do magistério parte da concepção de que o professor é o profissional que domina o conhecimento específico de sua área e os saberes pedagógicos, em uma perspectiva de totalidade”. Essa premissa está presente inclusive nas “Diretrizes Curriculares para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica”, instituída em 2002¹.

Ainda sobre a questão da constituição da identidade do profissional da educação, cabe trazermos novamente Pimenta (2009). Conforme a autora,

A formação passa sempre pela mobilização de vários tipos de saberes: saberes de uma prática reflexiva, saberes de uma teoria especializada, saberes de uma militância pedagógica. O que coloca os elementos para produzir a profissão docente, dotando-a de saberes específicos que não são únicos no sentido de que não compõem um corpo acabado de conhecimentos, pois os problemas da prática profissional docente não são meramente instrumentais, mas comportam situações problemáticas que requerem decisões num terreno de grande complexidade, incerteza, singularidade e de conflito de valores (PIMENTA, 2009, p. 30).

Nesses termos, como destacado, a formação de professores é permeada por saberes diversos e por variadas perspectivas que são constitutivas na formação da sua identidade profissional. Dito de outro modo, a formação como

¹ RESOLUÇÃO CNE/CP 1, DE 18 DE FEVEREIRO DE 2002. É um documento que traz um conjunto de normas obrigatórias que orientam a criação e a organização dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas nas Instituições de Ensino Superior. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf.

profissional da educação ocorre a partir de saberes específicos, pedagógicos e das experiências adquiridas dentro e fora da sala.

Logo, uma formação de professores pautada exclusivamente em modelos acadêmicos ou fundamentada em modelos práticos nas escolas não é eficaz na constituição do ser professor. Isso significa dizer que é necessário ultrapassar a visão dicotômica de formação, pois a constituição do ser e fazer docente vai além dos níveis de conhecimento da universidade e da prática do professor em sala de aula.

É a partir desse entendimento que podemos avançar um pouco mais e trazer as considerações de Arroyo (2000). Conforme o autor,

O dever ser que acompanha todo ato educativo e todo educador exige reflexão, leitura. Domínio de teoria e métodos. Porém não se esgota aí seu aprendizado, porque situa-se no campo dos valores, da cultura. É um saber de outra natureza. Estes dias, dialogando com os professores de várias cidades do interior de Minas que optavam pela organização de escola em ciclos de desenvolvimento, o repórter da TV me perguntou “com esse método as crianças aprenderão mais e melhor? E os professores já foram treinados nesse novo método de ensino? Toda tentativa de reencontrar-nos com nosso ofício de educadores reduzida ao domínio de mais um método de ensino (ARROYO, 2000, p. 44).

Como vemos, conforme Arroyo (2000), “o dever ser” do professor engloba diferentes aspectos que não podem se resumir em saberes e metodologias prontas, já que estamos em um processo dialético constantemente suscetível a mudanças. Pereira e Martins (2002, p. 124), por sua vez, destacam que “saber ensinar pressupõe experiência,

conhecimentos específicos e saberes pedagógicos didáticos”. Sendo assim, a formação profissional docente deve apoiar nesse tripé, como maneira de “atribuir-lhe uma identidade”.

Para além disso, Arroyo (2000, p.42) diz que, ser professor representa um papel, uma imagem social que carrega traços marcantes. Não apenas exercemos a função docente, “ser mestre, educador é um modo de ser e um dever ser”. Com isso, podemos dizer que o reconhecimento social, ou a falta deste, em relação à profissão docente, permeia as condições sociais e culturais da profissão, do seu ofício de mestre e dos educandos com quais ele lida.

Segundo o mesmo autor, no caso do pedagogo, por exemplo, o reconhecimento social dado à profissão nasce colado à educação da infância-adolescência e acompanha a história social do reconhecimento social da infância. Assim a construção da identidade do professor está ligada ao reconhecimento social dado aos educandos, ao campo em que trabalham ou dos valores que são atribuídos às ações específicas do ser professor, assim como cita Arroyo (2000, p. 32)

O que somos como docentes e educadores depende do reconhecimento social da vida que formamos. Do valor dado a esses tempos. Como pedagogos nascemos historicamente colados a sorte da infância, a um projeto de seu acompanhamento, condução e formação. Temos os tempos da vida humana como nossos cúmplices. Nos afirmamos profissionalmente no mesmo movimento em que essas temporalidades vão se definindo, social e culturalmente. É menos a sorte dos recortes dos conhecimentos, das ciências e das técnicas, o que nos conforma, do que a sorte dos tempos-ciclos da

formação humana. Estes são nossos cúmplices identitários.

Nessa perspectiva, reconhecer o trabalho do professor significa entender os contextos históricos, culturais, sociais e organizacionais que giram em torno da especificidade da profissão ao longo do tempo. Isso significa, também, compreender que o professor é um ser de cultura dotado de formas próprias de trabalho, que são adquiridas ao longo do tempo em contato com as diferentes experiências que permeiam o espaço-tempo que atuam.

Mudanças sociais no contexto atual do professorado

Atualmente, a sociedade impõe uma série de exigências ao trabalho do professor que acaba influenciando diretamente na construção da sua identidade e profissionalidade. Entre outros aspectos, além da matéria escolar que o professor deve lecionar, “pede-se que o professor seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador do trabalho em grupo, e que, pra além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo do aluno, da integração social” (ESTEVE, 1999, p.100). Tal fato, muitas vezes, provocam certas crises, incertezas e angústias.

É nessa perspectiva que tentaremos discutir, nesta etapa do texto, a crise de identidade, de autonomia e de reconhecimento dos professores atualmente. Como tentaremos demonstrar, a crise, muitas vezes, acaba ocasionando imagens ambíguas que refletem diretamente tanto no ser quanto no fazer docente.

Nos últimos anos, as transformações políticas, sociais e econômicas ocasionaram um (des)ajustamento nos mais diversos espaços e nos indivíduos que neles são inseridos. Esteve (1999, p. 97) explicita, a respeito do professor,

que, perante as mudanças sociais, ele acaba, muitas vezes, enfrentando circunstâncias “que os obrigam a fazer mal seu trabalho, tendo de suportar a crítica generalizada, que, sem analisar essas circunstâncias, os considera como responsáveis imediatos pelas falhas do sistema de ensino”.

Sobre a desvalorização da profissão professor, Pereira e Martins (2002) destacam o seguinte aspecto:

O que tem ocorrido é uma política de desvalorização do professor, prevalecendo as concepções que os consideram como um mero técnico reprodutor de conhecimentos, um monitor de programas pré-elaborados, um profissional desqualificado, colocando-se à mostra a ameaça de extinção do professor na forma atual. A realidade retrata uma carreira quase inexistente, com condições de trabalho aviltadas, pouca retribuição financeira e discutível reconhecimento social (PEREIRA e MARTINS, 2002, p. 113).

Assim, os processos de mudança que vivemos hoje afetam diretamente não apenas o ensino, mas particularmente os professores, evidenciando uma crise generalizada na escola e nos sistemas de educação.

Relacionadas às transformações vivenciadas na sociedade e a questão da desvalorização dos professores, os mesmos autores destacam ainda que, a “internalização dos modelos culturais, as mudanças de valores e referências para a juventude, as transformações do mercado de trabalho, entre outros fatores, exigem repensar o modelo educacional pelo qual trabalhamos” (PEREIRA e MARTINS, 2002, p. 116). Entretanto, se por um lado, as mudanças e exigências fazem parte das transformações econômicas e socioculturais e inclusive do processo de fazer e ser docente; ao mesmo tempo,

tem contribuído para a crise da identidade do professor, quando são discutidos os papéis e obrigações da categoria, por exemplo. Em outros termos, há uma influência na imagem que o professor tem de si e de seu próprio trabalho e, conseqüentemente, pode levá-lo a autodepreciação pessoal e profissional (ESTEVE, 1999). Quer dizer, tal fato tem influenciado diretamente no chamado mal-estar docente².

Esteve (1999) destaca ainda que ao estudarmos a pressão da mudança social sobre a função docente é necessário distinguirmos dois grupos de fatores: os de primeira ordem; e os de segunda ordem. Assim,

Chamam-se fatores de primeira ordem os que incidem diretamente sobre a ação do professor na sala de aula, modificando as condições em que desempenha o seu trabalho, e provocando tensões associadas a sentimentos e emoções negativas que constituem a base empírica do mal-estar docente. Os fatores de segunda ordem referem-se às condições ambientais, ao contexto em que se exerce a docência. Este segundo grupo de fatores tem uma ação indireta, afetando a motivação e a implicação do professor (ESTEVE, 1999, p. 99).

Segundo Arroyo (2002) a imagem construída em torno da profissão docente é constituída também por outros sujeitos, que na maioria das vezes, desrespeitam e

desvalorizam o professor. Diante dos problemas e das exigências contemporâneas que permeiam o ofício docente, espera-se dos professores que eles se mantenham constantemente preparados, dominando conteúdos e carregando saberes que possibilitem a mediação dos problemas que ocorrem no contexto escolar.

É nesse contexto que os professores tendem a assumir tarefas educativas básicas para compensar a carência do meio social, configurando-se numa diversificação das funções docentes. Entretanto, essa diversificação das funções atribuídas aos professores tende a responsabilizá-los pelos fracassos existentes no ensino,

Desde os políticos com responsabilidade em matéria educativa até os pais dos alunos. Todos parecem dispostos considerar o professor como principal responsável pelas múltiplas deficiências e pela degradação geral de um sistema de ensino fortemente transformado pela mudança social. Ora, mais do que responsáveis, os docentes são as primeiras vítimas. De facto, o trabalho do professor é sempre apreciado num sentido negativo. Se o professor faz um trabalho de qualidade, dedicando-lhe um maior número de horas, para além das que figuram no seu horário de trabalho, é raro que se valorize este esforço suplementar, no entanto, quando o ensino fracassa, por vezes devido a um acumular de circunstâncias incontrolláveis, o fracasso personaliza-se imediatamente no professor. Se tudo corre bem, os pais pensam que os filhos são estudantes. Se as coisas correm mal, pensam que os professores são maus profissionais (ESTEVE, 1999, p.105).

Todavia, é necessário nos atentarmos que ao se responsabilizar apenas o

² Segundo Esteve (1999, p. 98) a expressão mal-estar docente é empregada para discutir os “efeitos permanentes, de caráter negativo, que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais que exerce a docência, devido à mudança social acelerada”. Assim, aparece como um “conceito da literatura pedagógica que pretende resumir o conjunto de reações dos professores como grupo profissional desajustado devido à mudança social”.

professor por aquilo que acontece nas aulas, estamos nos esquecendo da realidade do contexto na qual todos os sujeitos do processo educativo estão inseridos. Há diversos fatores que incidem na baixa qualidade do ensino, e isso não está ligado apenas ao trabalho do professor. Há exigências que permeiam todo o sistema educativo e que vai além das competências inerentes ao docente. Na verdade, alinhado às considerações de Esteve (1999) quando se dedica a pensar nas mudanças relacionadas à formação do professor, “a evolução do contexto social fez mudar o significado das instituições, com a consequente necessidade de adaptação à mudança, por parte de alunos, professores e pais, que devem mudar as suas expectativas em relação ao sistema de ensino” (ESTEVE, 1999, p. 103).

Finalmente, cabe destacar que, apesar das novas exigências impostas ao professorado, a profissão de professor não passou por mudanças significativas em relação a sua constituição. O que vem ocorrendo hoje é uma formação ainda baseada em modelos tradicionais e normativos que condizem com a realidade da escola, dos alunos e dos professores. Ademais, esse problema se torna muito maléfico na medida que os professores recentemente formados passam a exercer a docência, assumindo responsabilidades que vão além do domínio cognitivo, como, assessoramento psicológico e social, carga excessiva de trabalho, entre outros. Esteve (1999, p.100) explicou que,

Os professores do ensino primário continuam a ser formados de acordo com velhos modelos normativos, aos quais se juntaram, em muitos casos, as descobertas da psicologia da aprendizagem dos últimos anos. Os professores do ensino secundário formam-se em universidades que pretendem fazer investigadores

especializados e nem por sombras pensam em formar professores. Não é portanto de estranhar que sofram autênticos “choques com a realidade” ao passarem, sem preparação adequada, da investigação sobre a química inorgânica, ou da sua tese de licenciatura sobre um tema altamente especializado, para a prática de ensinar a quarenta crianças de um bairro degradado os conhecimentos mais elementares da química ou da filosofia.

Isso pode contribuir para a insegurança e o desajustamento dos professores ao se depararem com a realidade do campo educacional que são inseridos. Assim, os professores acabam enfrentando uma crise de identidade, na medida que se constata uma contradição entre o real e o idealizado. Segundo Esteve (1999, p. 107), “as relações nas escolas mudaram, tornando-se mais conflituosas, e muitos professores não souberam encontrar novos modelos, mais justos e mais participados, de convivência e de disciplina”. Assim, as mudanças no contexto social do professorado acarretam uma série de exigências e modificações no ser e no fazer docente, sendo necessário a redefinição do papel do professor frente a essas exigências sociais que permeiam a sociedade atual.

Conclusão

Sobre identidade e profissionalidade, podemos dizer que a constituição de ser professor se faz em processo dinâmico e dialético envolvendo aspectos que estão relacionados às experiências e vivências adquiridas ao longo do cotidiano, à formação profissional e às maneiras de ser e estar na profissão. Todos os saberes que se constroem por meio dessas experiências configuram o ser e o fazer docente, e se constituem como conhecimentos e experiências relevantes

no processo de formação da identidade e profissionalidade dos professores.

Vimos que a formação da identidade profissional está estritamente ligada aos contextos históricos e culturais de cada profissão e são mediadas pelas relações humanas e sociais ao longo do tempo. É nessa perspectiva que se percebe que a identidade do professor também está ligada a esses aspectos, sendo resultado dessas relações e do reconhecimento social dado à profissão. Entende-se que esse processo se faz individual e coletivamente dentro e fora do contexto escolar.

Podemos dizer que as mudanças sociais influem diretamente no processo de constituição da identidade profissional dos professores, pois impõem uma série de exigências ao seu trabalho profissional. Ou seja, as transformações sociais acabam sendo problemáticas, pois acarretam uma série de dificuldades no fazer docente, situando os professores em patamar negativo de crescimento profissional e de constituição de uma identidade.

Vimos também que, diante dos problemas e das exigências que permeiam o ofício docente, os professores precisam compreender os mais diversos conhecimentos e saberes que possibilitem a resolução de problemas que vão além das funções de seu ofício docente, ou sejam, além dos saberes do seu contexto profissional, estes, precisam estar habilitados a propor soluções para os mais diversos contextos que permeiam o contexto escolar, como problemas do alunado, da infraestrutura (espaço em que atua), além dos conflitos que se inserem nesse espaço.

Dessa maneira, é imprescindível que o professor busque cada vez mais alternativas para sua capacitação e aprimoramento, buscando sobretudo, a

aquisição de conhecimentos que contribuam para a compreensão das novas exigências que permeiam seu contexto profissional mediante as novas alterações sociais, econômicas e tecnológicas.

Sendo, assim necessitamos de um contexto formativo integrado e atualizado que contemple os paradigmas da nova sociedade e que busque sobretudo, a formação de docentes dotados de identidade profissional e de pensamento crítico e reflexivo, frente às transformações que permeiam principalmente o âmbito educacional.

Referências

- ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre: Imagens e Auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BRASIL. Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf. Acesso em: 04 out. 2020.
- BRZEZINSKI, I. (Org.) **Profissão Professor: Identidade e Profissionalização docente**. Brasília: Plano editora, 2002.
- ESTEVE, J.M. Mudanças sociais e função docente. IN: Nóvoa, A. (org) **Profissão Professor**. Portugal: Porto Editora, 2ª edição, 1999, p. 93-124.
- PEREIRA, L. P. L. S. MARTINS, Z. I. de O.. A identidade e a crise do profissional docente. In: BRZEZINSKI, Iria. **Profissão Professor: Identidade e Profissionalização docente**. Brasília: Plano editora, 2002, p. 112-133.
- PIMENTA, S. G. (Org.) **Saberes Pedagógicos e atividade docente**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- SACRISTÁN, J.G. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. IN: Nóvoa, A. (org) **Profissão Professor**. Portugal: Porto Editora, 2ª edição, 1999, p. 63-93.

Recebido em 2021-03-21
Publicado em 2022-01-01